

A MÚSICA COMO FORMA DE RESISTÊNCIA CONTRA O SILÊNCIO IMPOSTO PELOS OPRESSORES

SINGING AND RESISTING: MUSIC AS A FORM OF RESISTANCE AGAINST SILENCE BY OPPRESSORS

Beatriz Oliveira da Costa¹

Émile Consuela da Silva²

Karolaine da Silva Oliveira³

Thais Albuquerque Figueiredo⁴

RESUMO

O presente artigo “A música como forma de resistência contra o silêncio imposto pelos opressores”, busca abordar canções produzidas durante o período da ditadura civil militar de 1964 a 1984, trazendo algumas produções de Chico Buarque e demais cantores, como também a questão do “ser estudante e artista”, demonstrando os privilégios que estes possuíam por terem acessos às informações, mas sem deixar de ser apontados os perigos e crimes desumanos que estes sofreram. O texto foi produzido com embasamentos de leituras de autores como Leandro Karnal, Lília M. Schuarcz, Heloisa M. Starling, Norberto Bobbio e outros artigos. Houve também um breve levantamento de conceitos sobre ditadura, repressão e resistência. A obra pretende informar aos seus leitores sobre este período da história do Brasil, estimular reflexão e um olhar crítico sobre as criações que serão citadas no decorrer do artigo.

PALAVRAS-CHAVE: Música; Artistas; Resistência.

ABSTRACT

This article “Music as a form of resistance against the silence imposed by the oppressors”, seeks to address the musical productions made during the period of the military civil dictatorship, which took place in the country from 1964 to 1984, bringing some productions by Chico Buarque and other singers, as well as the question of “being a student and an artist”, demonstrating the privileges they had for having access to the information, but also pointing out the dangers and inhuman crimes they suffered. The text was produced with readings from authors such as Leandro Karnal, Lília M. Schuarcz, Heloisa M. Starling, Norberto Bobbio and other articles from the Internet. There was also a brief survey of concepts about dictatorship, repression and resistance. The work intends to inform its readers about this period of Brazilian history, and also to cause a reflection and a critical look on the creations that will be cited during the article.

¹ Acadêmica do curso de Licenciatura em História da Universidade Federal do Acre, 6º período.

E-mail: beatriz.costaoliveira007@gmail.com

² Acadêmica do curso de Licenciatura em História da Universidade Federal do Acre, 6º período.

E-mail: econsuela70@gmail.com

³ Acadêmica do curso de Licenciatura em História da Universidade Federal do Acre, 6º período.

E-mail: karolainysilva417@gmail.com

⁴ Acadêmica do curso de Licenciatura em História da Universidade Federal do Acre, 6º período.

E-mail: thaisalbuquerque07@gmail.com

KEYWORDS: Music; Artists; Resistance.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo fazer um panorama histórico do período da ditadura civil militar (1964-1985), colocando em evidência a música como forma de resistência e dialogando sobre as maneiras como artistas da época se tornaram símbolos de movimentos sociais, bem como os métodos utilizados para burlar a censura. Tendo em vista as questões a serem discutidas no decorrer do artigo e o momento histórico ao qual será abordado, evidenciaremos de forma sucinta os conceitos de ditadura, repressão e resistência correlacionando-os ao período e contexto estudado.

2 DESENVOLVIMENTO

Neste sentido, entende-se que a palavra ditadura tem sua origem na “dictatura” romana, entretanto, o que conhecemos por “ditadura” atualmente tem um significado completamente divergente do que era *a priori*. Na Roma antiga, em tempos de crise ou de guerra, escolhia-se um ditador para governar. Cabia ao senado fazer a proposta e julgar se realmente a situação demandava a convocação de um ditador, ele possuía amplos poderes e seus decretos deveriam ser acatados como lei durante a vigência de seu governo. Contudo apesar de seus amplos poderes, existiam restrições, tais como: não poderia mudar a constituição ou revogá-la, da mesma forma estava impossibilitado de declarar guerra. Sua permanência no poder não transporia o prazo de seis meses. Daí compreende-se que “para a República romana, a Ditadura era a maneira de suspender temporariamente a sua ordem constitucional a fim de preservar a integridade e permanência” (BOBBIO, 1998, p. 368). Ao longo dos anos, quando as guerras começaram a se intensificar, e tal prática tornou-se rotineira, a ditadura passou a perder sua eficácia.

[...] a Ditadura vem a ser algo muito diverso da Ditadura romana. O ponto de coincidência entre os dois fenômenos é a concentração e o caráter absoluto do poder. Mas a Ditadura moderna não é autorizada por regras constitucionais: se instaura de fato ou, em todo o caso, subverte a ordem política preexistente (BOBBIO, 1998, p. 368)

O conceito “moderno” de ditadura esta pautado na seguinte característica: o ditador impõe suas vontades acima de tudo e de todos. Pode-se levar em consideração o fato de que ele pode ou não ser eleito pelo povo. Dessa forma, tornar-se um ditador, é uma consequência. A

partir do momento em que os direitos pessoais de um indivíduo são restringidos, mesmo que minimamente, é possível considerar-se dentro de um regime antidemocrático. Temos como exemplo a ditadura Vargasista. Vargas era admirado e idolatrado, foi seguido por multidões, contudo, isso não o impediu de tornar-se um ditador, e mesmo após a sua morte continua sendo uma figura emblemática. “É muito importante lembrar que não se deve nunca questionar a democracia. Deve-se aperfeiçoá-la” (KARNAL, 2017).

Vale salientar que o conceito de repressão de certa forma está inserido dentro do aspecto da ditadura, tendo em vista que a ditadura civil militar brasileira que vigorou a partir de 1964 foi composta por um sistema bastante repressivo, ou seja, punia, castigava e reprimia as pessoas que eram contra esse sistema de governo. E quem eram essas pessoas? Indivíduos considerados subversivos aos olhos do sistema. É exatamente nesse aspecto que adentraremos no auge da repressão que foi no governo do general Emílio Garrastazu Médici. No ano de 1970 durante tal presidência, Chico Buarque lançava “Apesar de você” que de forma peculiar fazia uma crítica ao ditador.

Quando chegar o momento
Esse meu sofrimento
Vou cobrar com juros. Juro!
Todo esse amor reprimido
Esse grito contido
Esse samba no escuro.
Você que inventou a tristeza
Ora tenha a fineza
De "desinventar"
Você vai pagar, e é dobrado
Cada lágrima rolada
Nesse meu penar
Apesar de você
Amanhã há de ser outro dia
Ainda pago pra ver
O jardim florescer
Qual você não queria...
(BUARQUE, 1970)

Vale salientar que o conceito de repressão de certa forma está inserido dentro do aspecto da ditadura, tendo em vista que a ditadura civil militar brasileira que vigorou a partir de 1964 foi composta por um sistema bastante repressivo, ou seja, punia, castigava e reprimia as pessoas que eram contra esse sistema de governo. E quem eram essas pessoas? Indivíduos considerados subversivos aos olhos do sistema. É exatamente nesse aspecto que adentraremos no auge da repressão que foi no governo do general Emílio Garrastazu Médici. No ano de 1970 durante tal presidência, Chico Buarque lançava “Apesar de você” que de forma peculiar fazia uma crítica ao ditador.

Tempos depois quando finalmente os militares se deram conta do teor crítico da música a proibiram. Como pode-se notar que nem sempre a rapidez de pensamento e cultura eram compreendidas em igual velocidade pelos repressores... Foi exatamente nesse ponto fraco que músicas, tal qual essa, conseguiram passar despercebidas, como se seu real significado fosse apenas para “desconstruir” o público. Se enganaram os militares que assim pensaram. Embora os ânimos estivessem a flor da pele, nesse período de 1960 e 1970 se intensificou a produção cultural, os artistas davam voz a população e suas canções ecoavam como um coro de denúncia.

Dessa forma, mais e mais pessoas, grande parte estudantes com vinculação a União Nacional dos Estudantes (UNE) uniam-se a causa de lutar pela liberdade e por “abaixo a ditadura”, o clamor pela liberdade seria causa de grandes receios para os militares. O povo embora reprimido e constantemente sofrendo tentativas de silenciamentos, não cessava a luta por aquilo que lhes era de direito:

“Sabendo-se da importância que a música evoca sobre os seres humanos, ao analisar as manifestações culturais que aconteceram durante o período da Ditadura Militar, pretende-se demonstrar que essas manifestações culturais, sociais e políticas trazem em si diferentes vozes, e que existe dentro de cada canção há plurissignificações, ou seja, as canções evocadas na época da Ditadura Militar, de certa forma, responde às exigências de uma sociedade impelida pela repressão, pela censura e pelo medo. Partindo-se do pressuposto que a música possui uma memória e traz à tona lembranças em quem a ouve, pode ser um caminho para se chegar a um determinado período histórico, e as canções, neste caso, tornaram-se verdadeiros hinos de batalha, ou seja, muitas músicas tornaram-se ícones e um símbolo à resistência militar durante os anos de 60-70” (VALÉRIO; RIBAS, p. 3)

Se por um lado a informação e atuação dos artistas e estudantes foi decisiva, por outro há de ser lembrada também como uma das mais combatidas. Isto porque o aspecto da conjuntura brasileira, desde a implantação do processo educacional escolar, tivemos um sistema de ensino que abrangesse somente uma pequena parte da população.

Durante muitos anos, a educação se dava somente aos filhos da burguesia local (a burguesia estrangeira ia estudar em outros países), isso gerou influência para a perpetuação de determinadas classes no poder durante longo período. Houve tempo em que somente homens e da alta classe podiam estudar em escolas brasileiras, mas com o passar dos anos políticas públicas foram sendo implantadas e ampliadas para que a escola pudesse abranger um quantitativo maior de pessoas, sendo esses homens ou mulheres. Inclusive, no transcurso da história a quantidade de mulheres envolvidas no cotidiano escolar foi se tornando maior que a de homens.

Outro fator determinante que perdurou durante várias épocas foi o "status" social e econômico de quem adentraria no sistema educacional brasileiro, na verdade, este fator está em vigor até os dias de hoje, porém, muitas melhorias já foram aplicadas para que a educação servisse

como uma ferramenta em prol de reverter as desigualdades sociais do nosso país, inicialmente com a Constituição Federal de 1988 e principalmente a partir dos anos 2000, quando foi efetivamente sendo colocada em prática e com as políticas de ações afirmativas.

Durante o período da ditadura civil-militar de 1964-1985 não foi diferente, o perfil estudantil era em sua maioria composto pelas classes média e alta, principalmente nos grandes centros urbanos. Muitos dos artistas também tinham passagem pelas universidades, alguns permaneciam na graduação, outros desistiam e seguiam somente carreira artística. A vida boêmia era característica de destaque de muitos artistas contemporâneos do período militar, viviam como queriam e podiam. Há uma característica fundamental que liga os estudantes e os artistas, a classe social. Ambos habitavam um local de privilégio na sociedade, os estudantes porque naquele momento o acesso a universidade era extremamente elitista e em grande maioria composto pela alta classe da sociedade. No caso dos artistas não era diferente, a maioria eram de uma classe mais favorecida, o acesso a educação e a configuração de um olhar crítico para a realidade da época os permitia formas diferentes de protestar, maneiras que burlavam a censura e em outras vezes “batiam de frente” com os militares em manifestações contra a repressão do regime.

Ressaltando todos os privilégios não como uma crítica aos estudantes e artistas, mas ao sistema, que associa desenvolvimento intelectual com renda necessária para comprar sua educação, só deixa que se manifeste se tiver dinheiro sobrando, por que como você vai se manifestar se tiver que passar o dia trabalhando? Um dia de trabalho e comida na mesa ou um dia “vadiando e protestando”? O sistema explora a mente e o corpo, produz máquinas que o sirvam, desenvolve pessoas para obedecerem e não para questioná-lo.

Muitos estudantes e artistas eram perseguidos, torturados, exilados e até mortos, tendo como justificativa para tais atos de como eram pessoas subversivas, não tinham nada para acrescentar ao regime vigente, eram vistos como marginais, simplesmente por não concordarem com as atrocidades cometidas pelos militares. É necessário compreender ainda que pessoas inseridas no conceito de subversivas não eram necessariamente ruins, elas simplesmente não se calaram, não foram de acordo com os projetos que seriam implantados pelos militares, muito menos se identificavam com a nova configuração social baseada “na moral e nos bons costumes”, só não sofreu com a ditadura quem foi de comum acordo com ela, ou aqueles que não sabiam de sua existência. Todos nós deveríamos ser subversivos, “pensar fora da caixinha”, à consciência de classe é fundamental para que não haja uma classe trabalhadora defendendo interesses burgueses com os quais não condizem em nada com a sua realidade. É como diz a frase de Alan Brasília “Quem luta contra qualquer tipo de sistema opressor ou ditador não é rebelde, é libertador”. O que nos reporta a ideia de liberdade enquanto palavra morta desde a

implementação do regime civil militar de 1964, que se consolidou na noite de 13 de dezembro de 1968 o Brasil assistia pela TV o anúncio da perda dos seus direitos, era a instauração do Ato Institucional nº 5 posto em prática durante o governo do general Costa e Silva. A partir dali a palavra “proibido” faria totalmente parte do vocabulário brasileiro. O período mais duro da ditadura estava chegando. Nesta mesma noite o congresso foi fechado, políticos foram cassados, pessoas tiveram seus direitos anulados por dez anos e o *habeas corpus* “caiu em desuso”, uma “tempestade” iria derrubar todos os cidadãos que se negassem a obediência. A censura já estava cumprindo o seu dever, aquelas notícias dadas à população com o intuito de alertá-la acabaram por serem censuradas. Foi através de sua cessão de meteorologia que o “Jornal Hoje” conseguiu transmitir a realidade de uma forma encoberta:

"Previsão do tempo:
Tempo negro.
Temperatura sufocante.
O ar está irrespirável.
O país está sendo varrido por fortes ventos.
Máx.: 38°, em Brasília. Mín. 5°, nas Laranjeiras.
(DINES, 1968).

É importante salientar que os jornais não foram os únicos a mostrarem tais verdades, mas também a arte, várias apresentações foram proibidas de acontecer por possuírem um teor acusatório ao governo. Foi através das entrelinhas de muitos versos musicais que cantores informavam aos seus ouvintes. E em algumas era possível perceber dicas para sobreviver ao período, como no caso da música “Cartomante” de Ivan Lins e Victor Martins, eternizada na voz de Elis Regina em 1978:

Nos dias de hoje é bom que se proteja
Ofereça a face pra quem quer que seja
Nos dias de hoje esteja tranquilo
Haja o que houver pense nos seus filhos
Não ande nos bares, esqueça os amigos
Não pare nas praças, não corra perigo
Não fale do medo que temos da vida
Não ponha o dedo na nossa ferida.
Nos dias de hoje não lhes dê motivo
Porque na verdade eu te quero vivo
Tenha paciência, Deus está contigo
Deus está conosco até o pescoço.
(LINS; MARTINS, 1978).

Chico Buarque foi o alvo predileto dos ditadores, sendo exilado no ano de 1969 a 1970 na Itália. Teve várias de suas obras censuradas, entre elas estava todo o seu álbum “Calabar” de 1973, até mesmo a capa foi repreendida, pois o nome pichado no muro era considerado

afrontoso, sendo republicado com a capa totalmente em branco, trazia as músicas da peça teatral escrita por ele e Ruy Guerra que também havia sido censurada. Uma das músicas presentes era “Vence na vida quem diz sim”

Se te dói o corpo, diz que sim
Torcem mais um pouco, diz que sim
Se te dão um soco, diz que sim
Se te deixam louco, diz que sim
Se te babam no cangote, mordem o decote,
Se te alisam com chicote, olha bem pra mim.
Vence na vida quem diz sim
Vence na vida quem diz sim
Se te jogam lama, diz que sim
Pra que tanto drama, diz que sim
Te deitam na cama, diz que sim
Se te criam fama, diz que sim
Se te chamam vagabunda, montam na cacunda
Se te largam moribunda, olha bem pra mim.
(GUERRA, 1973).

O AI-5 deu total liberdade para o uso da tortura, sendo o principal instrumento usado pelo próprio Estado para controlar o povo, com grande número de desaparecidos. A ausência e o anseio pelo regresso foi tema recorrente, tal qual representado na música “O Bêbado e a Equilibrista” de João Bosco e Aldir Blanc:

Que sonha com a volta do irmão do Henfil
Com tanta gente que partiu
Num rabo de foguete
Chora
A nossa Pátria mãe gentil
Choram Marias e Clarisses
No solo do Brasil
Mas sei que uma dor assim pungente
Não há de ser inutilmente
A esperança
Dança na corda bamba de sombrinha
E em cada passo dessa linha
Pode se machucar.
(BOSCO; BLANC, 1979).

E nesta mesma música verificam-se às canções não somente como denúncias, mas também como a tentativa de repassar uma ideia de término do sistema opressor, não obstante a grande dificuldade de manter a esperança na chegada de dias melhores ela deveria estar presente em cada brasileiro. Através das músicas daquele período percebe-se a ineficácia das repressões utilizadas, pois ainda assim se cantava por liberdade, embora ela estivesse ausente porquanto “o show de todo artista” tivesse “que continuar”.

Vale recordar que em virtude do decreto do AI- 5, os músicos, atores, jornalistas e artistas no geral, tiveram que utilizar-se de sua criatividade para tentar “burlar” os censores do governo e tentar demonstrar sua insatisfação. Dentro deste contexto variadas foram as artimanhas dos compositores para escapar as restrições e cortes impostos pelo Departamento de Censura de Diversões Públicas (DCDP), tais como uso de pseudônimo (um exemplo disso foi Chico Buarque utilizando o nome *Julinho da Adelaide* para tentar publicar algumas de suas músicas), ironias e duplo sentido. Em “Apesar de Você” de Chico Buarque de Holanda, o departamento acreditou que se tratava da discussão de um casal e apenas após meses a música foi proibida pois foi percebido um ataque do compositor ao presidente Médici. Inúmeras vezes o DCDP não percebia certas nuances, mas que aos olhos do público não passavam despercebidas.

Uma das músicas que se tornou um dos maiores hinos de resistência contra a ditadura foi composta por Geraldo Vandré “Pra Não Dizer que Não Falei das Flores” que foi apresentada no Festival Internacional da Canção em 1968 (VANDRE,1968).

Caminhando e cantando e seguindo a canção
Somos todos iguais braços dados ou não
Nas escolas, nas ruas, campos, construções
Caminhando e cantando e seguindo a canção
Vem, vamos embora, que esperar não é saber,
Quem sabe faz a hora, não espera acontecer.
(VANDRE,1968).

A música possuía claramente uma denúncia ao regime, mas estava além disso, os versos “vem, vamos embora que esperar não é saber, quem sabe faz a hora não espera acontecer” eram claramente uma convocação do autor para que as pessoas fossem a rua lutar contra o regime. Geraldo Vandré foi torturado e obrigado a se exilar em outros países durante anos. Ao retornar preferiu ficar fora dos holofotes pelos anos que se seguiram.

Outra música muito conhecida por ter sido proibida no período foi composta por Chico Buarque e Gilberto Gil, “Cálice” foi escrita em 1973 a música de forma metafórica, denunciava as torturas do regime, a palavra “cálice” refere ao verbo calar-se. No festival Phono 73 (realizado no Palácio de Convenções do Anhembi, entre 11 e 13 de maio de 1973) Gilberto Gil e Chico Buarque tentaram cantar a música “Cálice”, porém tiveram seus microfones cortados por ordem policiais.

Pai, afasta de mim esse cálice
Pai, afasta de mim esse cálice
Pai, afasta de mim esse cálice
De vinho tinto de sangue
Como beber dessa bebida amarga

Tragar a dor, engolir a labuta
Mesmo calada a boca, resta o peito
Silêncio na cidade não se escuta
De que me vale ser filho da santa
Melhor seria ser filho da outra
Outra realidade menos morta
Tanta mentira, tanta força bruta
Como é difícil acordar calado
Se na calada da noite eu me dano
Quero lançar um grito desumano
Que é uma maneira de ser escutado
Esse silêncio todo me atordoa
Atordoado eu permaneço atento
Na arquibancada pra a qualquer momento.
(GIL; BUARQUE, 1973).

O próprio Gilberto Gil admite que teve e tem muita dificuldade de lidar com a música, pois ela trata-se sobre a dor, tormento e repressão, junto com o ar tristonho que a melodia trás.

3 CONCLUSÃO

Com tal artigo fica possível perceber o que foi a música no período da ditadura civil militar. Esta foi uma forma de resistência encontrada por vários artistas, que viam nela uma manifestação contra o regime autoritário vigente, bem como também uma possível forma de amparar a população que clamava por mudanças, e ainda de alertar aquelas que se encontravam omissas ou satisfeitas com tal situação. Ao ouvir músicas do período ditatorial brasileiro ouve-se clamores de dor, medo, insatisfação, angústia, raiva, saudade, tristeza, revolta, resistência. Ouve-se sentimentos humanos. E como bem deixou registrado Chico Buarque: “Página infeliz da nossa história, passagem desbotada da memória”. No entanto apesar de terem se passado mais de 34 anos do término do período da ditadura civil militar muitas músicas que foram produzidas ainda podem ser analisadas e comparadas com a nossa realidade, levando o ouvinte a fazer uma reflexão do contexto atual em que está inserido.

REFERÊNCIAS

BOSCO, João, ALDIR, Blanc. **Essa Mulher**. Disponível em:
https://www.youtube.com/watch?v=1g_p4Xcn5CE. Acesso em: 13 de maio 2019.

BUARQUE. **Apesar de você**. 1978, 1970 disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=33-bMTOlvx0>. Acesso em: 13 de maio de 2019

DINES, Alberto. **Governo baixa Ato Institucional e coloca Congresso e recesso por tempo ilimitado.** Jornal do Brasil, 13 dez. 1968.

DIÁRIO DO CENTRO DO MUNDO. **“Tempo negro. Temperatura sufocante”: a atualidade de Alberto Dines, morto nesta terça aos 86 anos**”. Disponível em: <https://www.diariodocentrodomundo.com.br/tempo-negro-temperatura-sufocante-a-atualidade-de-alberto-dines-morto-nesta-terca-aos-86-anos/>. Acesso em: 04 de junho de 2019.

GILBERTO GIL explica a letra da música cálice. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8CnSiaP-jL4>. Acesso em: 04 de junho de 2019.

GUERRA, Ruy. **Calabar.** Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=F2_o5Yf77LQ. Acesso em: 04 de junho de 2019.

JOSÉ, Demérito. **A Ditadura Militar no Brasil através da Música Popular Brasileira.** Mundo Educação, 2019. Disponível em: <https://mundoeducacao.bol.uol.com.br/historiadobrasil/a-ditadura-militar-no-brasil-atraves-musica-popular-htm> Acesso em: 13 de mai. de 2019.

LINS, Ivan. MARTINS, Victor. **Elis.** Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=3_OSPpbaFvA . Acesso em: 04 de junho de 2019.

MOSCOU, Marília. **AI-5 e a canção de protesto.** @MariliaMoscou in Arte, 13 de dez. 2013. Disponível em: <http://mariliamoscou.com.br/blog/tom-ze-censura/> . Acesso em: 13 de mai. de 2019.

NORBERTO, Bobbio, MATTEUCCI, Nicola, PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de política v 1.** 1998. Disponível em: <http://professor.pucgoias.edu.br/SiteDocente/admin/arquivosUpload/17973/material/Norberto-Bobbio-Dicionario-de-Politica.pdf> / acesso em: 13 de maio de 2019.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA CASA CIVIL. **Ato Institucional Nº 5, 13 de dezembro de 1968.** Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/AIT/ait-05-68.htm . Acesso em: 13 de mai. de 2019.

VANDRE, Geraldo. **Pra Não Dizer Que Não Falei Das Flores: Geraldo Vandré no Chile,** 1968. Disponível em: <https://www.culturagenial.com/musica-pra-nao-dizer-que-nao-falei-das-flores-de-geraldo-vandre/>. Acesso em: 12/05/2019.

VALERIO, Adriana, RIBAS, Marisete. **A música popular brasileira e a ditadura militar: Vozes de coragem como manifestações de enfrentamento aos instrumentos de repressão.** Disponível em: http://repositorio.roca.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/5837/1/PB_EL_I_2015_01.pdf / Acesso em: 13 de maio de 2019.